

## **Perspectivas pós-coloniais e decoloniais: uma proposta de agenda de pesquisa em contabilidade no Brasil**

Recebimento dos originais: 07/06/2016  
Aceitação para publicação: 29/10/2017

### **Fernanda Filgueiras Sauerbronn**

Doutora em administração pela Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas (EBAPE/FGV).

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Endereço: Av. Pasteur, 250, Urca 22.290-902 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

E-mail: [fernanda.sauerbronn@gmail.com](mailto:fernanda.sauerbronn@gmail.com)

### **Rosângela Mesquita Ayres**

Doutoranda em Ciências Contábeis no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCC/UFRJ)

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Endereço: Av. Pasteur, 250, Urca. CEP: 22.290-902 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

E-mail: [ayres.rosangela@gmail.com](mailto:ayres.rosangela@gmail.com)

### **Rosenerly Loureiro Lourenço**

Doutoranda em Ciências Contábeis no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCC/UFRJ)

Instituição: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Endereço: Av. Pasteur, 250, Urca. CEP: 22.290-902 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

E-mail: [roseneryll@gmail.com](mailto:roseneryll@gmail.com)

## **Resumo**

A partir de discussão e reflexão sobre as contribuições de perspectivas pós-coloniais e decoloniais como alternativas de pesquisas para o desenvolvimento de estudos em Contabilidade, o presente artigo tem como objetivo propor uma agenda para a pesquisa contábil no Brasil. Primeiro o texto recupera o significado dos termos neocolonialismo, imperialismo, pós-colonialismo e decolonialidade e, depois, apresenta a Teoria Crítica Pós-Colonialista e a Epistemologia/Movimento Decolonial no contexto das tradições de pesquisa qualitativas pós-positivistas. A discussão de potenciais contribuições para a Contabilidade inicia-se por apontar alguns estudos que se valeram do decolonialismo nas áreas de administração e negócios. Na sequência são apresentados artigos em Contabilidade que foram desenvolvidos a partir de perspectivas associadas ao decolonialismo, destacando contribuições já reconhecidas pela academia nacional e, principalmente, internacional. De forma a sustentar a argumentação das autoras, de que há oportunidade para a inserção da perspectiva decolonial em estudos contábeis no Brasil, são apresentados os resultados de um levantamento de dados realizado no primeiro semestre de 2016 no Portal de Periódicos Capes/MEC. Os resultados indicaram somente 2 estudos publicados em revistas nacionais mas, em contrapartida, os 63 trabalhos encontrados em periódicos internacionais permitiram identificar os periódicos mais afeitos à essas perspectivas. Por fim, a discussão empreendida também buscou conscientizar os pesquisadores quanto às potenciais limitações, críticas e polêmicas em torno das perspectivas associadas ao decolonialismo para o desenvolvimento de

trabalhos inovadores, bem como destacar a importância de se estudar objetos já conhecidos, com uso das lentes da desfamiliarização ou desvinculação para a construção de conhecimento relevante em Contabilidade no Brasil.

**Palavras-Chave:** Epistemologia. Pós-Colonialismo. Decolonialidade.

## 1. Contextualização Paradigmática

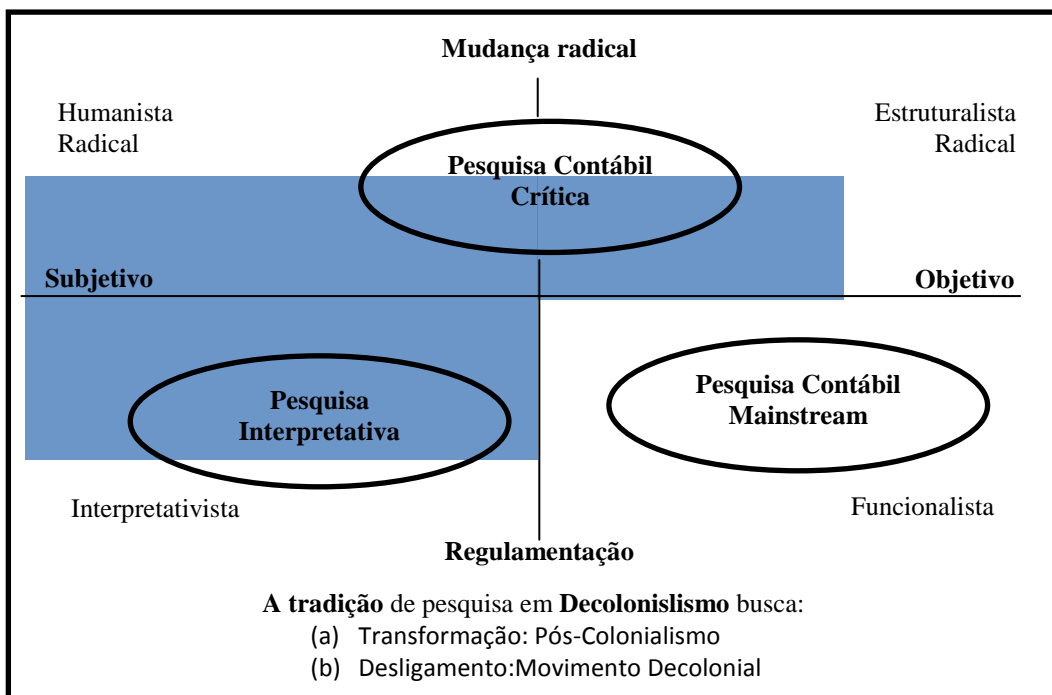
Para promover a agenda de pesquisa proposta neste artigo, consideramos fundamental situá-la paradigmaticamente. Em Burrell e Morgan (1979) os estudos organizacionais foram mapeados em quatro paradigmas baseados em um conjunto de pressupostos metateóricos. Na tentativa de conciliar as teorias organizacionais com seus contextos sociológicos amplos, Burrell e Morgan (1979) posicionaram o estudo das organizações em termos de visão de mundo, natureza da sociedade, teorias e metodologias. Os quadrantes de pesquisa estruturados por estes autores possuem caráter rival e excludente, e focam as diferenciações ontológicas e epistemológicas. Tal posicionamento gerou inúmeros e acalorados debates, e revelou posições antagônicas entre pesquisadores de administração e de ciências contábeis, em torno da dualidade objetividade-subjetividade e, especialmente, da incomensurabilidade paradigmática (por exemplo, REED, 1985; JACKSON; CARTER, 1991; DEETZ, 1996; AHRENS, 2008; HASSARD; COX, 2013). Em suma, os debates conclamam os pesquisadores a repensar paradigmas de pesquisa.

Na contabilidade, Hopper e Powell (1985) traçaram, a partir da classificação proposta por Burrell e Morgan (1979), uma categorização de pesquisa com base nas escolas contábeis e os paradigmas sociológicos. Estes autores advogaram por um *continuum* entre mudança radical e regulação, e outro, entre subjetivismo e objetivismo, em vez de uma dualidade como propuseram os quadrantes de Burrell e Morgan (1979). A partir desse trabalho, Ryan et al. (2002) oferecem uma figura sintetizadora da taxonomia de Hopper e Powell para a pesquisa em Contabilidade, evidenciando três tradições de pesquisa – pesquisa contábil crítica, pesquisa contábil *mainstream*, pesquisa interpretativa. A tradição de pesquisa crítica em contabilidade transita pelos quadrantes denominados por Burrell e Morgan de humanismo radical e estruturalismo radical, enquanto a pesquisa interpretativa situa-se exclusivamente no quadrante interpretativo e a pesquisa contábil *mainstream* situa-se no quadrante funcionalista.

Com base nas configurações apresentadas em Burrell e Morgan (1979), Hopper e Powell (1985) e Ryan et al. (2002), a Figura 1, hachura áreas de localização de pesquisas sobre decolonialismo, a partir da interpretação das autoras deste artigo, com o objetivo de

evidenciar a possibilidade de áreas de interesse e diálogo entre as tradições decoloniais e tradições contábeis. Decolonialismo faz parte, nas palavras de Prasad (2005), de um conjunto de tradições de pesquisa “pós-positivistas” que tem recebido notoriedade entre pesquisadores qualitativos em gestão, organização e negócios.

A pesquisa qualitativa não-positivista está no centro de duas posições antagônicas, nesse sentido Prasad (2005, p. 6-9) indica que, de um lado, estão os argumentos de que o conhecimento científico é resultante de um processo de acumulação incremental determinado por um método que segue princípios de dedução, indução e falsificação aderentes a um rígido protocolo científico, e de outro lado, estão os argumentos de que a noção de *episteme* guiada pela racionalidade analítica, que produz conhecimento universalmente aplicável, é apenas uma maneira de produzir conhecimento, concorrente com *thecne* que é influenciado pela noção de artesanato (*craft*) e aplica conhecimento técnico, habilidades e racionalidade pragmática. Nesse sentido “uma vez que pesquisa qualitativa está mais preocupada com processos, contextos e detalhes intrínsecos, pesquisas dessa natureza podem atrair uma inspiração significativa da *techne* ao invés de *episteme*” (PRASAD, 2005, p. 7).



**Figura 1: Intersecção entre tradição de pesquisa do decolonialismo e da contabilidade**

Fonte: Elaborada a partir de Burrell e Morgan (1979), Hopper e Powell (1985), Ryan et al (2002), Prasad (2005).

Apenas conhecer métodos e paradigmas teóricos é insuficiente para que o pesquisador conduza ‘pesquisas artesanais’, sendo requerido que ele tenha noção de ‘tradição intelectual’

que vai além de pressupostos ontológicos e epistemológicos compartilhados, ou método enquanto técnica para coletar e analisar dados (PRASAD, 2005). A tradição ocorre em diversas esferas de artesanato e cada uma delas pode desenvolver um estilo particular que é influenciado por “figuras proeminentes, pressupostos centrais e convenções emergentes”, de forma que uma tradição de pesquisa pode ser conceituada como “um complexo conjunto de pressupostos, visões de mundo, orientações, procedimentos e práticas” (PRASAD, 2005, p.8). Para Prasad (2005), isso não significa que a adoção de uma tradição de pesquisa sufocará a criatividade ou imaginação do pesquisador, ao contrário, ele terá possibilidades de inovação, improvisação e criatividade. São essas possibilidades criativas dentro das tradições que permitiram que emergisse, por exemplo, a hermenêutica crítica, o pós estruturalismo, e o pós-colonialismo.

Este artigo apresenta os desdobramentos de tradições pós-coloniais e decoloniais como uma perspectiva para o desenvolvimento de estudos em Contabilidade no Brasil e tem como objetivo propor uma agenda de pesquisa a partir da discussão e reflexão desenvolvidas. Ao revisitar as contribuições de diversos pensadores, o artigo mostra como essas perspectivas configuram-se como respostas ao colonialismo e ao neocolonialismo e, de que maneira têm sido exploradas como alternativas para o desenvolvimento de estudos nas ciências sociais aplicadas, mais especificamente, nas áreas de Administração e de Contabilidade.

A discussão sobre o decolonialismo é feita essencialmente por meio de duas correntes: a Teoria Crítica Pós-Colonialista, que tem como origem teóricos domiciliados na América do Norte – entre eles, Edward Said, Gayatri Spivak e Hommi Bhabha – e o Movimento/Epistemologia Decolonial, defendido por teóricos oriundos preponderantemente da América do Sul – como, por exemplo, Waman Puma de Ayala, José Carlos Mariátegui, Amílcar Cabral, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Rigoberta Menchú, Gloria Anzaldúa.

Embora a Teoria Crítica Pós-Colonialista e a/o Epistemologia/Movimento Decolonial estejam relacionadas ao Decolonialismo, há uma importante distinção entre elas no que se refere à transformação ou desligamento do colonialismo. Sem ignorar esse aspecto, à despeito da diferença entre as correntes, neste artigo o termo Decolonialismo é utilizado de forma ampla, abrangendo as duas correntes.

Nesse sentido, neste artigo tomamos emprestado de Prasad (2005) a definição de decolonialismo como sendo uma tradição de pesquisa qualitativa pós-positivista que tende a enfatizar a natureza estruturada da realidade social, que está comprometida com um projeto de

crítica e resistência à modernidade ocidental, especificamente a colonização nos arranjos sociais, e que reúne uma ampla diversidade de vozes.

Considerando que o decolonialismo pode contribuir para a inovação e emergência de novos *insights* na área contábil, o argumento defendido no presente texto é construído em torno de: (a) conceituação básica a cerca dos termos colonialismo, neocolonialismo, descolonialismo, imperialismo, pós-colonialismo e decolonialidade; (b) revisão dos pressupostos e principais autores da Teoria Crítica Pós-Colonialista e do/da Movimento/Epistemologia Decolonial; (c) discussão sobre a latência e pertinência do tema em contabilidade com base em um levantamento no Portal CAPES de estudos desenvolvidos nas áreas de Administração e Contabilidade; (d) reflexões e considerações finais quanto à relevância de perspectivas associadas ao decolonialismo com o propósito de inspirar os pesquisadores brasileiros a desenvolverem estudos inovadores e relevantes em contabilidade, considerando as lentes da desfamiliarização e desvinculação para a construção do conhecimento.

Os esforços de pesquisa justificam-se, pois, além de ampliar o quadro de trabalhos que fomentam reflexões no Brasil a respeito da abertura da Contabilidade para novas perspectivas de pesquisa, também encorpa o quadro de estudos pós-coloniais, os quais, nas palavras de Kamla (2007, p. 112), podem contribuir significativamente para contabilidade geral e contabilidade social na medida em que expõe como o imperialismo euro-americano molda, em grande parte, o sistema e as práticas contábeis no mundo colonizado no contexto da globalização. Este quadro é explicado, no Brasil, pelo complexo de vira-latas que reproduz acriticamente o conhecimento contábil do estrangeiro (HOMERO, 2017), dado a tradicional valorização do conhecimento do Norte no Sul Global (JUNCKLAUS; BINI; MORETTO NETO, 2016; RODRIGUES; CARRIERI, 2011).

## **2. Conceituação e Fundamentação**

No Brasil, principalmente nas pesquisas em Contabilidade, ainda são poucos os estudos acerca do Decolonialismo, o que evidencia oportunidades para desenvolvimento de pesquisas sobre o tema. Compreender o Decolonialismo implica em reconhecer e entender os conceitos de colonialismo, neocolonialismo, pós-colonialismo e imperialismo, e como eles estão imbricados na história. Os dicionários especializados na área de estudos pós-coloniais e de geografia permitem compreender as conceituações aplicadas à esses cinco termos:

(1) **Colonialismo** é um fenômeno associado às conquistas, aos assentamentos e ao controle administrativo sistemático da Europa no séc. XIX (estruturas institucionais de governo, sistema legal, domínio militar); é frequentemente considerado um processo violento. Nessa acepção o Colonialismo possui fortes bases econômicas, é fonte de matéria prima, novos mercados, mão de obra, soldados. Com fundamentação racial dicotômica, essa interpretação considera a Europa como avançada, progressiva e moderna (nós) *versus* os nativos retrógrados, primitivos e atrasados (eles). O Colonialismo traz consigo a imposição das práticas do colonizador sob o povo colonizado, apaga sua história e crenças, e está envolto nas formas de aquisição e desenvolvimento de conhecimento (NAYAR, 2015).

(2) **Neocolonialismo** diz respeito ao controle dos sistemas econômicos e políticos de um Estado por outro Estado mais poderoso, normalmente é caracterizado como a colonização de país subdesenvolvido por um desenvolvido (MAYHEW, 2016).

(3) **Imperialismo** se constitui, de fato, em um sistema global, um sistema econômico de penetração e controle de mercados. O imperialismo pode ser compreendido como o mais alto estágio do colonialismo (SEGOVIA, 2005).

(4) **Decolonialismo** (*Decoloniality*) é um termo utilizado para se referir às atitudes, projetos, objetivos e esforços para o desligamento das promessas de modernidade e as condições desumanas criadas pelo colonialismo. O decolonialismo diz respeito à conscientização e ação necessária ao desligamento da base teológica e das fundações europeias para a epistemologia e a hermenêutica (MIGNOLO, 2014).

(5) **Pós-colonialismo** trata dos efeitos da colonização da cultura e da sociedade, tendo sido usado pelos historiadores depois da II Guerra para designar, de forma cronológica, o período posterior a independência de colônias, mas, depois da década de 70 passou a ser usado para discutir os diversos efeitos da colonização (ASHCROFT et. al, 2005).

Na história, há dois momentos importantes relacionados à dominação: o Colonialismo (Séculos. XV e XVI) e o Neocolonialismo (Séculos XIX e XX). No Colonialismo há um contexto de capitalismo comercial e mercantil que levou à expansão marítima e a busca por novas fontes de produtos, especiarias e metais preciosos. Neste período os países da Europa conquistaram várias colônias na América. Esta dominação tinha como principal justificativa a catequização do povo colonizado, com base na argumentação da pressuposta superioridade religiosa do colonizador, sendo a escravidão uma característica importante deste período (DUIQUE, 2016; MORAES, 2016; PRASAD, 2003). HarperCollins (1996 apud MCLEOD, 2000) explica que a ânsia por negócios rentáveis, possibilidade de pilhagem e enriquecimento

foram as forças primárias inequívocas que moveram o colonialismo no século XV e XVI, explicitando, desta forma, a estreita relação entre o colonialismo e o capitalismo:

Era muito provável que uma economia mundial cujo ritmo era determinado por seu núcleo capitalista desenvolvido ou em desenvolvimento se transformasse num mundo onde os "avançados" dominariam os "atrasados". (HOBBSAWM, 1998, p.87)

O Colonialismo pode ser compreendido como uma forma prática que resulta da ideologia do imperialismo, por ser, segundo McLeod (2000), um conceito ideológico que dá suporte à legitimação do controle econômico e militar de uma nação sobre outra. Childs e Williams (apud MCLEOD, 2000) definem o imperialismo como a extensão e expansão do comércio sob a proteção de controles políticos, jurídicos e militares.

O Neocolonialismo é fruto de processos históricos de descolonização que ocorreram pela “independência” das colônias. Esses processos foram sustentados por elementos tais como: (a) resistências e lutas de diversos povos e manifestações realizadas com apoio de países euroamericanos, no contexto da Guerra Fria, com vistas à ampliação de poderio econômico e geopolítico (LINHARES, 2008; MORAES, 2016, HOBBSAWM, 1995); (b) transição do centro de poder e declínio da Europa, apesar do contínuo privilégio à epistemologias eurocêtricas (SUNDBERG, 2009); (c) criação do sistema Nações Unidas como uma iniciativa para perpetuar o colonialismo como mecanismo de *soft power* (WATTS, 2009, COOKE, 2004).

Esses processos de Descolonizações particulares criaram as condições para o avanço do Neocolonialismo. No Neocolonialismo, ocorrido nos séculos XIX e XX, tem-se um contexto de capitalismo financeiro e monopolista, com a formação de conglomerados econômicos por influência dos Estados Unidos e Japão, além dos países da Europa. O Neocolonialismo sustenta-se na busca por matéria-prima, mercados consumidores e mão de obra barata; escoamento populacional e de capital. Há no Neocolonialismo a justificativa para dominação e exploração a partir de uma missão civilizatória, sustentada em uma suposição de superioridade das civilizações colonizadoras sobre as colonizadas consideradas desprovidas de civilidade (DUIQUE, 2016; LINHARES, 2008; MORAES, 2016).

Portanto, se por um lado, se pode dizer que o Colonialismo (assentamento) está virtualmente extinto, por outro lado, o imperialismo continua em ritmo acelerado, porque nações ocidentais euro-americanas ainda estão engajadas em atos imperialistas, visando a contínua dependência econômica, política, cultural (MCLEOD, 2000). É por este motivo que



autores fundamentados em perspectivas Decoloniais (ou Descoloniais) empreendem esforços para combater essa forma de dominação sobre os países, regiões e grupos.

**Decolonialismo** não é um termo apresentado literalmente por Ferreira (2009). Todavia, o autor discorre sobre Descolonização como sendo "o ato ou efeito de descolonizar". Desta forma, apesar de o termo não existir na língua portuguesa, o prefixo "De" em Decolonialismo pode ser entendido no sentido de afastamento e extração do Colonialismo. Ou seja, mais do que o ato ou efeito de descolonizar, o foco do Decolonialismo seria afastar, extrair o colonialismo instalado. Colaço (2012, p. 7-8) se posiciona de maneira específica sobre decolonizar ou descolonizar o colonialismo:

Preferimos utilizar o termo “decolonial” e não “descolonial”. O conceito em inglês é decoloniality [...]. Entretanto, preferimos o termo decolonial [...], suprimindo o “s” para marcar uma distinção com o significado de descolonizar em seu sentido clássico. Deste modo quer salientar que a intenção não é desfazer o colonial ou revertê-lo, ou seja, superar o momento colonial pelo momento pós-colonial. A intenção é provocar um posicionamento contínuo de transgredir e insurgir. O decolonial implica, portanto, uma luta contínua.

Um marco histórico na questão do Decolonialismo foi a Conferência de Bandung (Indonésia) em 1955 que reuniu 29 países afro-asiáticos (LINHARES, 2008; MORAES, 2016). A Conferência teve como objetivo promover a cooperação econômica e cultural como forma de resistência a todos os tipos de colonialismo e neocolonialismo. A Conferência é vista como fonte de inspiração para a luta pela diversidade e contra a homogeneização e subjugação colonialista no contexto da globalização. Assim, o termo Decolonialismo é utilizado para identificar ações de resistência a quaisquer tentativas de colonialismo.

Linhares (2008) apresenta alguns participantes da resistência ao colonialismo. A autora destaca Edward W. Said que, em uma obra complexa e erudita, analisa como se pode justificar a investida europeia sobre o mundo. Linhares (2008) também destaca Franz Fanon e sua obra como um manifesto para denúncia do colonialismo e da dominação imperialista da Europa. É importante destacar que Said e Fanon são dois grandes ícones nas duas correntes decolonialistas apresentadas a seguir: Teoria Pós Colonialista e Epistemologia/Movimento Decolonial.

## 2.1. Teoria Crítica Pós-Colonialista

As viagens exploratórias no século XV de Colombo e Vasco da Gama prefiguram a mistura e a confluência de interesses comerciais, financeiros, ideológicos, religiosos; o uso da



força militar e da astúcia política; implantação de violência e de crueldade inimagináveis, que se tornaram a marca do moderno colonialismo ocidental (PRASAD, 2003). Torna-se importante questionar o colonialismo da modernidade, discutindo se existe colonialismo no mundo moderno, quais as suas formas de atuação e se existem, e quais são as formas de resistência a esse colonialismo. Por exemplo: quanta influência as culturas externas têm sobre a cultura local quanto à forma de pensar, agir e trabalhar em organizações formais? Ou seja, o quanto sua cultura é descrita como produzindo “um agir e um pensar inferiores” a serem reformados, modernizados ou consertados por meio de modelos advindos de contextos desenvolvidos e civilizados? (ver FARIA; WANDERLEY, 2013).

Na modernidade, o colonialismo pode alcançar qualquer lugar. O conceito de globalização e o avanço da tecnologia podem ser vistos como um reforço para uniformização, pasteurização da forma de pensar, agir, compreender e reagir. Por isso, os estudiosos do pós-colonialismo vêem uma relação estreita entre a modernidade e o colonialismo. Um exemplo de colonialismo moderno é o imperialismo norte-americano que exerce o poder por meio do controle das instituições econômicas poderosas, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), o Fundo Monetário Internacional (FMI), dentre outras (Young, 2001 apud PRASAD, 2003).

No pensamento pós-colonial, a globalização gera uma homogeneidade mundial, uma espécie de uniformidade liderada por aqueles que possuem predominância política, econômica e cultural, neste sentido, a heterogeneidade consiste em uma forma de resistência. A Teoria Crítica Pós-colonialista é aplicada na investigação da complexa dinâmica do colonialismo e da resistência pós-colonialista (PRASAD, 2003). Entretanto, não é estritamente sistematizada e unitária. Em vez disso, a Teoria Pós-Colonial é um conjunto de posições teóricas e políticas produtivas sincréticas que criativamente empregam conceitos e perspectivas epistemológicas decorrentes de uma variedade de campos acadêmicos (como a economia política, antropologia, geografia, estudos afro-americanos, estudos culturais, feminismo, urbanismo, sociologia, dentre outras) (PRASAD, 2003). O Quadro 1 mostra algumas das contribuições de influentes teóricos pós-colonialistas que sustentam as discussões em torno do pós colonialismo.

**Quadro 1: Pensadores da Teoria Crítica Pós-Colonialista**

Teóricos	Principais contribuições
Edward Said	É um dos mais importantes intelectuais palestinos, crítico literário e ativista da causa palestina. O livro <i>Orientalism</i> é visto como uma obra inaugural na teoria pós-colonialista, um tipo de rebelião intelectual. Destaca o quanto o material produzido no ocidente delineou a

	imagem que o mundo tem do oriente.
Ashis Nandy	Psicólogo político, teórico social e crítico indiano. Em seu trabalho resgata ideias sobre o colonialismo de ícones como Fanon (1967), Mannoni (1964), Memmi (1965), também delinea aspectos cultural, ético e político de Gandhi. Enfatiza o caráter autoritário da construção da modernidade na sociedade, contribuindo para a exclusão e marginalização da população e da cultura local. No livro <i>Intimate Enemy</i> , destaca que o aspecto mais importante da dominação é a colonização da mente e da imaginação, sendo a dominação ideológica a segunda mais importante. Ressalta os aspectos psicológicos do colonialismo produzindo admiradores e imitadores servis, assim como, oponentes, destacando que os responsáveis pela dominação colonial podem ser indivíduos aparentemente bem-intencionados como trabalhadores, profissionais liberais, modernistas, missionários e os que confiam na ciência. Busca entender a natureza do anticolonialismo das pessoas comuns, tendo como base a filosofia de resistência interna de Gandhi, e estrutura a conceituação de resistência psicológica.
Hommi Bhabha	É uma das figuras mais importantes nos estudos pós-coloniais contemporâneos e tem desenvolvido uma série de termos e conceitos-chaves, como hibridismo; mimetismo e ambivalência. Tais termos descrevem maneiras nas quais povos colonizados resistem ao poder do colonizador (teoria de Bhabha): No <i>Hibridismo</i> , o colonizado concebe aspectos do colonizador agregando outros elementos; no <i>Mimetismo</i> , é o espaço de resistência que desestabiliza e mina a autoridade colonial porque pode funcionar, de forma camuflada, como zombaria, paródia ou ironia, ameaçando o projeto que busca transformar a cultura do colonizado em réplica da cultura dos colonizadores. Na <i>Ambivalência</i> , o discurso do colonizador não se caracteriza pela homogeneidade monolítica ou hegemonia rígida, mas pela ambivalência, pelas fissuras e contradições. A ambivalência pode levar o colonizado a se questionar quanto a sua identidade pela influência do colonizador e o que realmente é.
Gayatri Chakravorty Spivak	Dedica-se ao feminismo e a subalternidade pós-colonial. Seu trabalho considerado feminista marxista desconstrutivista é reconhecido como uma das contribuições mais significativas e inovadoras para a Teoria Crítica Pós-Colonial. Spivak é especialmente conhecida pela Teoria Pós-Colonial Crítica apresentada em seu trabalho: “ <i>Can the Subaltern Speak?</i> ”.

Fonte: Elaborado a partir de Prasad (2005).

A tradição de pesquisa crítica pós-colonialista é essencialmente interdisciplinar, preocupa-se com a constituição de subjetividade em regras e objetivos coloniais, e entende o colonialismo como prática em vez de metáfora (PRASAD, 2005). Sob uma dialética de dominação e resistência essa tradição de pesquisa é fortemente comprometida com a busca do pluralismo cultural. Portanto, há muitas oportunidades de estudo, principalmente relacionado ao predomínio do foco nas grandes corporações e no capitalismo financeiro em gestão (PRASAD, 2003; WANDERLEY; FARIA, 2013).

Para o desenvolvimento de estudos decolonialistas, Prasad (2003) apresenta a noção de “*Defamiliarization*”, um conceito que funciona a partir da observação de algo considerado como conhecido (ex.: vida organizacional) em algo estranho. Portanto, a Teoria Crítica Pós-Colonial pode funcionar como “desfamiliarização”, pois leva o pesquisador a observar um fenômeno sob uma nova perspectiva teórica, possibilitando o entendimento mais amplo do fenômeno.

Além disso, a teoria pós-colonialista pode contribuir na análise profunda da dinâmica colonizador-colonizado no âmbito organizacional. Nessa perspectiva a teoria ajuda o

pesquisador na identificação de novas percepções (*insights*) sobre o poder, o controle e a resistência. É inegável que as organizações têm uma importante influência sobre os aspectos sociais e culturais de uma sociedade, sendo um importante objeto de estudo (PRASAD, 2003). Não obstante muito do desenvolvimento atual ter influência de conhecimento dos colonizados, a tendência é de se seguir a corrente dominante. Logo, outras formas de se perceber, pensar e agir não são estudadas, não são mostradas e, conseqüentemente, parecem não existir, dando a impressão que o modelo corrente dominante é único porque é melhor, superior ou civilizado. Por exemplo, frequentemente, quando a forma do subalternizado é identificada, então, são mostrados os seus aspectos negativos, e quando os aspectos positivos são inegáveis, tenta-se correlacioná-los a desenvolvimentos advindos do colonizador (PRASAD, 2003; MIGNOLO, 2007).

As pesquisas delineadas sob a tradição pós-colonialista possuem características que, normalmente, envolvem: i) foco do pesquisador em “processos coloniais e neocoloniais do passado e nas circunstâncias presentes”; ii) interdisciplinaridade (as lentes da literatura, história, antropologia, comunicação, estudos organizacionais e outras áreas podem lançar luzes sobre fenômenos coloniais não captados com facilidade dentro de limites acadêmicos); iii) Flexibilidade metodológica (uso de métodos e fontes de dados variados, como por exemplo, documentos governamentais, relatórios impressos, observação participante, linguagem e imagens. (PRASAD, 2005, p. 276-279).

Embora os aspectos relacionados à colonização estejam no cerne das análises das duas correntes decoloniais, as bases teóricas, origens e objetivos da Teoria Pós-Colonial diferem ligeiramente do que se encontra no Movimento/Epistemologia Decolonial, além disso, este Movimento foca prioritariamente na desvinculação colonialista, como mostraremos a seguir.

## **2.2. Movimento ou Epistemologia Decolonial**

Mignolo (2007), um ícone da corrente de Epistemologia Decolonial, discorre que no início dos anos 70, Anibal Quijano introduziu o conceito de “colonialidade como um elemento invisível” do composto modernidade. No artigo “*Colonialidad y modernidad racionalidad*” Anibal Quijano retratou a ligação da colonialidade política e econômica com a colonialidade no conhecimento. O projeto de Quijano sobre a decolonialidade do poder possui duas vertentes: (i) Analítica: permite a reconstrução e a restituição de histórias silenciadas, subjetividades reprimidas, saberes e linguagens subalternizados em nome da modernidade e

da racionalidade; (ii) Programática: o decolonialidade se manifesta como um projeto de "desprendimiento", de desvinculação (*de-linking*) (MIGNOLO, 2007).

A distinção entre a Teoria Crítica Pós-colonialista e o Movimento/Epistemologia Decolonial estabelece-se em primeiro lugar, pela concepção que a junção dos conceitos das vertentes identificadas por Quijano (analítica e a programática) vão além da proposta da corrente Pós-Colonialista. Em segundo lugar, a diferença entre as duas correntes, Pós-Colonialista e Movimento/Epistemologia Decolonial, diz respeito às suas origens (MIGNOLO, 2007).

De um lado, o Pós-Colonialismo de Said, Spivak e Bhabha tem como fonte o pós-estruturalismo de Foucault, Lacan e Derrida, de outro lado, o/a Movimento/Epistemologia Decolonial tem origem em pensadores como Waman Puma de Ayala, José Carlos Mariátegui, Amílcar Cabral, Aimé Césaire, Frantz Fanon, Rigoberta Menchú, Gloria Anzaldúa, dentre outros (MIGNOLO, 2007). Enquanto o/a Movimento/Epistemologia Decolonial "é um projeto de desvinculação (*de-linking*), a Teoria Crítica Pós-colonial é um projeto de transformação erudita no âmbito da academia" (MIGNOLO, 2007).

Mignolo (2007) menciona a obra de Waman Puma, *El Primer Nueva Corónica y Buen Gobierno*, acerca da história da civilização andina antes da chegada dos espanhóis. Esta obra contradiz os argumentos dos missionários que os nativos não seriam capazes de escrever e, por isso, não tinham história. Fanon em sua obra destaca que o colonizador não se satisfaz em dominar o presente e o futuro, mas, também busca aniquilar o passado do povo colonizado.

Uma questão enfatizada por Mignolo (2007) é como o "capitalismo" se relaciona com a retórica da modernidade e da lógica da colonialidade. Quijano (1990, 1995, 2000 apud MIGNOLO, 2007) explorou a formação da matriz de poder colonial em cinco domínios diferentes e mutuamente articulados. **Controle da economia** em relação à apropriação da terra e à exploração do trabalho. Controle da autoridade usando o vice-reinado, estados coloniais, estruturas militares. **Controle da natureza** e dos recursos naturais necessários à expansão do projeto modernidade-colonialidade. **Controle de gênero e sexualidade** em relação aos valores e ao comportamento da família cristã. **Controle da subjetividade** pela fé cristã, noção secular de sujeitos e cidadãos e controle do conhecimento pela filosofia secular e razão para estruturar as ciências naturais, as ciências humanas e o conhecimento prático das escolas profissionais (por exemplo, Direito e Medicina).

Mignolo (2007) destaca que se o conhecimento é colonizado, é necessário descolonizá-lo. Para o autor, a retórica enviesada que faz a "modernidade" parecer

naturalmente um processo global (universal), oculta o lado mais sombrio desse processo que é a reprodução constante de "colonialidade". Assim, considerando a lógica perversa subjacente ao enigma filosófico "modernidade-colonialidade" (e a correspondente estrutura político-econômica do imperialismo-colonialismo), é necessário examinar como se pode descolonizar "mentes" e "imaginárias", isto é, conhecimento e ser.

Uma "volta decolonial" no início dos anos 90 congregou, gradualmente, vários pesquisadores principalmente da América Latina, como se vê no Quadro 2. Vários autores anteriormente estavam envolvidos com diferentes teorias como Dussel e a Filosofia / Teoria da Libertação, Quijano e a Teoria da Dependência, e Wallerstein e a Teoria do Sistema-Mundo.

**Quadro 2: América Latina e a volta Decolonial, perfil dos Membros do Grupo Original**

Membro do grupo	Campo	Nacionalidade	Instituição
Aníbal Quijano	Sociologia	Peruano	Universidad Nacional de San Marcos, Peru
Enrique Dussel	Filosofia	Argentina	Universidad Nacional Autónoma de México
Walter Dignolo	Semiótica	Argentina	Duke University, EUA
Immanuel Wallerstein	Sociologia	Norte-americano	Universidade de Yale, EUA
Santiago Castro-Gómez	Filosofia	Colombiano	Pontifícia Universidad Javeriana, Colômbia
Nelson Maldonado-Torres	Filosofia	Puerto Rican da costela	Universidade da Califórnia, Berkeley, EUA
Ramón Grosfoguel	Sociologia	Puerto Rican da costela	Universidade da Califórnia, Berkeley, EUA
Edgardo Lander	Sociologia	Venezuelano	Universidad Central de Venezuela
Arthuro Escobar	Antropologia	Colombiano	Universidade da Carolina do Norte, EUA
Fernando Coronil	Antropologia	Venezuelano	Universidade de Nova York, EUA
Catherine Walsh	Linguística	Norte-americano	Universidad Andina Simón Bolívar, Equador
Boaventura Santos	Lei	Português	Universidade de Coimbra, Portugal
Zulma Palermo	Semiótica	Argentina	Universidad Nacional de Salta, Argentina

Fonte: Ballestrin (2013, p. 98)

A descolonização do conhecimento se lança ao revelar a localização geopolítica da teologia, filosofia secular e razão científica. E também pela afirmação dos modos e princípios do conhecimento geopolítico negado pela retórica do cristianismo, da civilização, do progresso, do desenvolvimento, da democracia de mercado (Mignolo, 2014). O pensamento decolonial é um "raciocínio de fronteira" que resiste às cinco ideologias da modernidade: o cristianismo, o liberalismo, o marxismo, o conservadorismo e o colonialismo (Ballestrin, 2013). Assim, vale a pena resumir algumas contribuições relevantes para o pensamento decolonial, especialmente influentes no Brasil, provenientes de pensadores como Milton Santos, Boaventura de Souza Santos e Celso Furtado (ver Quadro 3).

### Quadro 3: Influentes autores para o decolonialismo no Brasil

Milton Santos	O geógrafo teve seus estudos focando sobre os processos de urbanização. Seu trabalho constantemente nos adverte que não podemos deixar nos levar pelas soluções de facilidade e transcrever de um continente para as outras noções que vêm as Confluências das mesmas causas e mantém a mesma denominação. Os estudos devem passar por uma profunda reflexão sobre a realidade concreta dos países subdesenvolvidos e que a realidade concreta não é revelada sem o uso da teoria e nem tem motivo para estar sem o domínio da empiria.
Boaventura de Souza Santos	Um dos mais influentes sociólogos de língua portuguesa do tempo presente, ele trabalha na Universidade de Coimbra e tem vários livros publicados em Português. Para ele, o projeto da modernidade tem duas formas de conhecimento: conhecimento regulação e emancipação do conhecimento. A sobreposição do Regulamento de conhecimento na emancipação do conhecimento ocorreu através da imposição de racionalidade cognitivo-instrumental, e ciência tornou-se assim a forma da racionalidade hegemônica e do mercado, o princípio regulador apenas moderno. Para ele, há um 'epistemicídio', ou seja, o homicídio de algumas formas de conhecimento local, o enfraquecimento dos outros e, em nome dos projetos do colonialismo, a riqueza das perspectivas presentes na diversidade cultural e nas visões multifacetadas do mundo por eles.
Celso Furtado	Renomado economista brasileiro, considerada por alguns como um dos autores da teoria da dependência e que promoveu a construção de teorias e um modelo de desenvolvimento para a América Latina que desafiou tanto o conhecimento ortodoxo imposto pelas estruturas seminais e mecanismos de geopolítica do conhecimento e as intervenções de material realizado pelo norte. Ele procurou explicar o subdesenvolvimento do Brasil através de uma abordagem que enfatizou as estruturas e mecanismos de colonização do país e da região.

Fonte: elaborado a partir de Dantas (2014), Pereira e Carvalho (2008), Faria e Wanderley (2013).

A descolonização do conhecimento, sob essa interpretação Epistemológica, deve, portanto, identificar o que pertence ao colonizador e o que é um conhecimento local e original. Esta identificação permite resgatar o que foi colonizado ou substituído pelo colonizador e, mais recentemente, pela democracia, pelo mercado e capitalismo financeiro, inclusive por aspectos afeitos às áreas de administração e contabilidade.

### 3. Latência e pertinência do tema

Em função do reduzido número de trabalhos concernentes ao tema Decolonialismo consideramos que há oportunidades latentes para desenvolvimento dessas abordagens epistemológicas e teóricas. Em uma pesquisa no Portal Capes, buscamos pelos termos 'colonialismo' e 'contabilidade', e encontramos apenas dois artigos publicados em revistas brasileiras:

- (i) *A Globalização e a Pesquisa em Contabilidade Internacional: Uma agenda para o futuro* (MANASSIAN, 2007), RBGN (A2);

(ii) *A terceira margem do rio dos estudos críticos sobre administração e organizações no Brasil: (re)pensando a crítica a partir do pós-colonialismo* (ROSA; ALCADIPANI, 2013), RAM (B1).

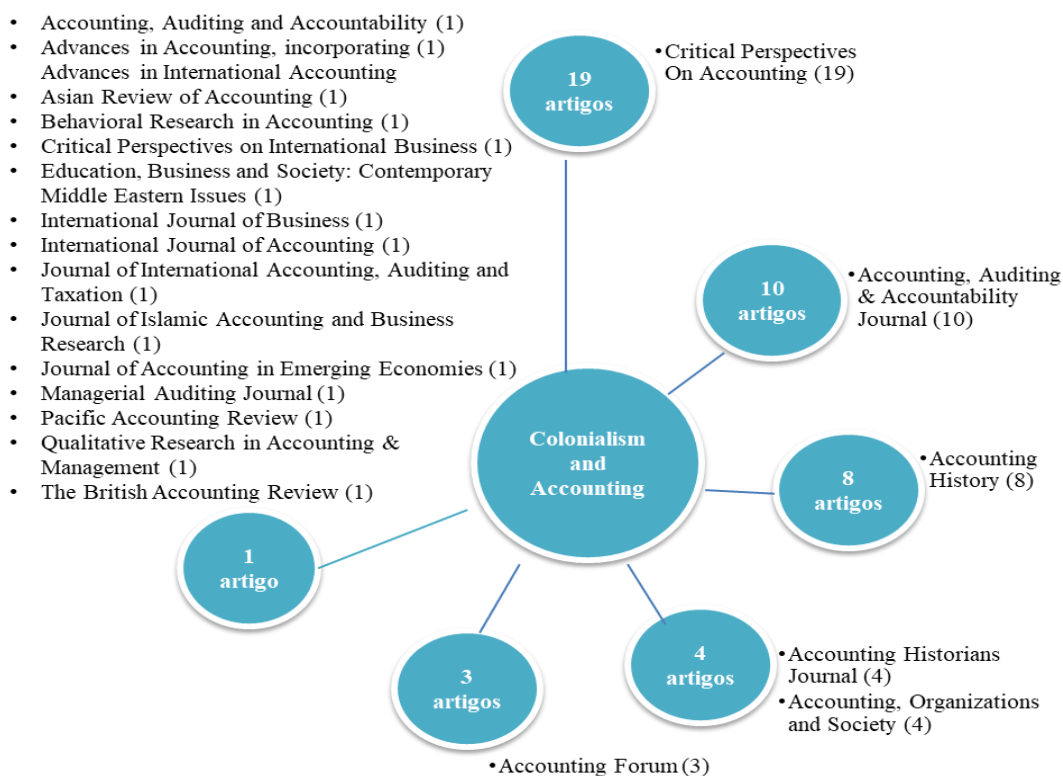
Uma segunda busca no Portal Capes a partir dos termos ‘colônia’ e ‘contabilidade’ em periódicos nacionais retornou dois artigos sobre a contabilidade pública brasileira com ênfase histórica, os quais remontam discussões sobre aspectos do período colonial brasileiro, no entanto, estes artigos não são desenvolvidos sobre os argumentos das abordagens teóricas de Pós-colonialismo ou Decolonialismo:

(i) *A Comissão das Partidas Dobradas de 1914 e a Contabilidade Pública Brasileira* (ADDE et al, 2014), RC&F (A2);

(ii) *Uma Abordagem Histórica Acerca dos Avanços Contábeis Decorrentes das Reformas Implementadas pelo Marquês de Pombal na Administração Fazendária do Brasil-Colônia de 1777 a 1808* (VASCONCELOS et al., 2009), Contextus (B3).

Em uma pesquisa similar buscando pelos termos ‘*Colonialism*’ and ‘*Accounting*’ ou ‘*Decolonialism*’ and ‘*accounting*’ em periódicos internacionais, considerando somente os artigos publicados em revistas de contabilidade e negócios, encontramos 63 artigos. Observa-se, portanto, que pesquisas sob a perspectiva de Decolonialismo é aplicável e aceita em periódicos da área contábil internacional. Mas, no Brasil ainda é incipiente e, justamente por isso, uma possibilidade promissora. A Figura 2 mostra os periódicos internacionais que dão abertura às abordagens Decoloniais na pesquisas em contabilidade.





**Figura 4: Lista de periódicos internacionais com artigos sobre *Colonialism e Accounting*.**

O confronto entre a quantidade de pesquisas encontradas no contexto brasileiro e a quantidade presente em periódicos internacionais poderia levar alguns leitores a equivocada impressão ou frágil argumentação de que o reduzido número de pesquisas utilizando tal abordagem evidenciaria sua irrelevância para estudar fenômenos contábeis no Brasil. Contudo é importante destacar que sem se delimitar a área do periódico em "contabilidade e negócios", o número de artigos que abordam sobre contabilidade e colonialismo sobe para 124. Assim, as autoras deste artigo refutam esse tipo de impressão e argumentação sob o entendimento que a utilização de novas abordagens teóricas e metodológicas para estudar a contabilidade pode desmistificar conceitos e práticas solidificados por pressupostos imperialistas e encobertos.

Esse entendimento de abertura para abordagens alternativas coaduna com a posição de autores como Baker e Bettner (1997) e Baxter e Chua (2003), os quais destacam a importância de os pesquisadores da área contábil reconhecerem abordagens mais críticas que estão além da versão positivista de pesquisa e sintetizam avanços no conhecimento contábil a partir de escolhas teóricas e metodológicas alternativas ao *mainstream*.

Inúmeros temas na área contábil podem ser explorados a partir das perspectivas oferecidas pelo Decolonialismo. Um tema recorrente na atualidade, por exemplo, é a

corrupção. Será que há oportunidade para se estudar a corrupção sob a lente do Decolonialismo? Nos escândalos vivenciados no Brasil desde 2013, um importante questionamento diz respeito ao papel da contabilidade em meio a complexa dinâmica financeira, econômica e política desencadeada. Desta forma, argumentamos que um pesquisador poderia utilizar-se do Decolonialismo para entender a corrupção e sua relação com a contabilidade, no Brasil especificamente, incluindo inclusive o conceito de desfamiliarização para encontrar em objetos de estudos conhecidos diversas novas oportunidades para reflexão e averiguações não colonizadas.

Hobsbawm (1995, p.198) faz uma análise sobre o século XX e evidencia um sistema de suborno e corrupção presentes em uma era:

A raça de administradores coloniais nascida no paraíso tolerava e até mesmo estimulava o sistema de suborno-corrupção porque este proporcionava um maquinário barato para o exercício do controle sobre populações agitadas e muitas vezes dissidentes. Pois o que isso significa na verdade é que o que um homem deseja (isto é, ganhar seu processo judicial ou obter um emprego oficial) pode ser conseguido fazendo um favor ao homem com poder de dar ou negar.

Utilizamos essa citação para exemplificar que, ao estudar corrupção e contabilidade sob a ótica do Decolonialismo, o pesquisador poderá percorrer à história da administração pública e privada brasileira em busca do entendimento de como os cargos em empresas públicas funcionam pareados ou não com a contabilidade para realizar objetivos colonialistas, e como estas práticas foram delineadas no passado e como influenciam o presente.

Outro tema possível de exploração na área contábil é a geopolítica do conhecimento. Sob esse aspecto, destaca-se o estudo de Almeida (2011) "Geopolíticas e descolonização do conhecimento" que propõe reflexões sobre as geopolíticas do conhecimento a partir da perspectiva do pensamento da descolonização na América Latina. Para tanto, o autor enfatiza o potencial para problematizar e buscar entender as práticas de produção de conhecimento na atualidade, especialmente no que tange à universidade, entendida como elemento que protagoniza a produção e a legitimação do conhecimento. De acordo com Almeida (2011), a universidade brasileira, e seus acadêmicos, tem um papel relevante nas geopolíticas do conhecimento:

(a) por um lado, incorpora em partes o desenho imperial, levando à formação de profissionais considerados rentáveis a uma sociedade globalizada, “em detrimento da geração de competências que possibilitam um pensamento independente e capaz de oferecer alternativas”;

(b) por outro lado, pode reforçar a discussão da participação da universidade na construção da sociedade brasileira para promover espaços transdisciplinares e transhierárquicos para discussão de novas geopolíticas do conhecimento, questionando a conformação epistêmica e econômica de nossas práticas: quais conhecimentos, métodos e teorias são de fato relevantes para o conhecimento que queremos/necessitamos produzir e transmitir?

O trabalho de Almeida (2011) permite vislumbrar que podem ser desenvolvidos estudos na área de Ensino e Pesquisa na área de Contabilidade, avaliando, por exemplo, os conhecimentos, métodos e teorias relevantes para o conhecimento que se produz/transmite em Contabilidade, assim como, o que se deseja produzir/transmitir.

A argumentação até o momento desenvolvida mostra a relevância da construção do conhecimento por vias pós-colonialistas ou decoloniais como alternativas às formas colonialistas, modernizantes e neocolonialistas do saber em um contexto particularmente subalternizado em termos históricos. A parte final dessa seção destaca como estudos em administração e em contabilidade podem ser utilizados como *insights* para novos objetos de pesquisa em contabilidade.

### **3.1. Estudos Decoloniais em Administração**

Na área organizacional, Faria (2015) em seu estudo "Promovendo (De)crescimento em/dos Estudos Organizacionais e de Gestão" analisa, sob uma perspectiva de decolonialidade, a proposta de reaproximar a área de estudos de gestão e organizacionais (EGO) ao conceito de ideologia. Para isso, o autor explora o âmbito extradiscursivo da ideologia para argumentar que a trajetória de crescimento da área euro-americana de *Management and Organization Studies* (MOS) é uma questão central para a construção de alternativas à ideologia de crescimento organizacional, defendendo a promoção de decrescimento de MOS e o crescimento de EGO sob uma perspectiva pluriversal. Adicionalmente, Faria (2015) destaca os desafios para a organização e gestão de ideologias de crescimento e decrescimento no contexto da globalização neoliberal, buscando questionar a influência da ideologia civilizatória euro-americana em MOS e defendendo a construção de uma perspectiva de decolonialidade/pluriversalidade em EGO para a organização de alternativas.

Este trabalho desenvolvido por Faria (2015) pode ser uma inspiração para trabalhos em Contabilidade. Pode-se conceber a realização de estudos que igualmente questionem a

influência da ideologia civilizatória euro-americana na prática profissional e na teoria desenvolvida na academia, assim como, a avaliação por uma perspectiva pluriversal.

Faria e Wanderley (2013) no estudo "Fundamentalismo da gestão encontra a descolonialidade: repensando estrategicamente organizações familiares" averiguam a marginalização das organizações familiares por meio de um conjunto de contraposições como: administração científica *versus* primitiva; gestão estratégica *versus* medíocre; Estados Unidos *versus* União Soviética; Capitalismo *versus* Socialismo. Na contextualização, Faria e Wanderley (2013) descrevem que quem não aceitava a ideia da administração científica era identificado como comunista, sendo a gestão de organizações considerada profícua, enquanto que a gestão familiar era marginalizada. Inclusive porque a Gestão Estratégica era o foco nas universidades, indicando a geopolítica dominante e a subalternização epistêmica (Teorias do Colonizador *versus* Teoria dos Colonizados) no qual o mapa do poder e do conhecimento estabeleceram 1º, 2º e 3º mundo. Na discussão, os autores incluem a teoria de dependência.

A teoria da dependência produzida na América Latina (FURTADO, 1966 apud WANDERLEY; FARIA, 2013) é uma das bases da decolonialidade. Ela indica as corporações multinacionais como grandes responsáveis pela promoção de subdesenvolvimento no resto do mundo, sendo essa teoria interpretada pelos países considerados de Primeiro Mundo como relacionada aos interesses de elites locais ou ao imperialismo soviético. Faria e Wanderley (2013) mencionam que o estudo desenvolvido por Peter Evans (1979) ressalta "o poder de elites locais em processos de colonização, por meio de alianças envolvendo estado e corporações que lhes garantiriam a manutenção do poder".

O trabalho de Faria e Wanderley (2013) pode levar a cogitação de vários estudos usando o decolonialismo em Contabilidade. Somente para mencionar algumas possibilidades, tem-se: a contabilidade em grande corporações *versus* em pequenas; como estes dois tipos de entidades se desenvolveram ao longo do tempo, as respectivas influências em cada uma; identificação e auto-identificação do contador em cada tipo de entidade; a percepção de marginalização na contabilidade e do contador em uma empresa familiar em relação à uma empresa de grande porte.

### 3.2. Estudos Decoloniais em Contabilidade

Em "*Accounting for Varieties of capitalism: The case against a single set of global accounting standards*", Walker (2010) busca discutir a questão da uniformização da contabilidade por meio da adoção forçada de padrões da contabilidade internacional, ou seja,

padrões contábeis globais. Walker (2010) ressalta que o padrão tem como base a contabilidade estruturada no capitalismo de mercados de capitais, mas, que esse tipo de contabilidade pode não ser a melhor, uma vez que, não há como identificar uma contabilidade em função das especificidades de cada país. Walker (2010) destaca que um delineamento ótimo de padrões contábeis pode depender de características institucionais e, do sistema político e econômico (próprios de cada povo).

A existência de diferentes tipos de capitalismo, conforme Walker (2010) sugere, pode promover o progresso econômico e, sendo assim, o autor alerta quanto à necessidade de se ter cautela na aceitação da imposição de um conjunto único de padrões contábeis globais para todas as companhias e países. Walker (2013) ressalta que, se todos utilizam a contabilidade para o modelo capitalista com base no mercado financeiro e, tendo em vista que o mesmo vem perdendo credibilidade, pode ser útil o desenvolvimento de formas alternativas com base em padrões sob medida para as respectivas necessidades. Por fim, Walker enfatiza que a adoção forçada de uma contabilidade única pode ser vista com uma forma de restringir possibilidades alternativas atuais e futuras que podem ser, inclusive, melhores e mais adequadas às necessidades de contextos específicos e correntes. Este trabalho de Walker (2013) já é um exemplo de trabalho desenvolvido na área contábil que pode servir de motivação para desenvolvimento de estudos similares no Brasil.

Em "*Imperialism and The Integration of Accountancy in the Commonwealth Caribbean*" Bakre (2014) analisa a predominância do sistema britânico na educação e na formação em contabilidade na Comunidade do Caribe e o quanto isso pode não ser relevante para as economias regionais pós-independência. Em seu estudo Bakre (2014) destaca que mesmo com recursos limitados, em Outubro de 1988, os Institutos dos Contadores Certificados na região assinaram um Memorando de Entendimento para integrar a contabilidade regional para a contabilidade em cada país. No entanto, quase 25 anos desde a assinatura do Memorando de Entendimento, o sonho de contabilidade regional independente ainda não se tornou realidade. Utilizando-se da lente do Decolonialismo, mais especificamente por meio da estrutura do imperialismo, o estudo busca fornecer evidências da influência interna do colonialismo e da pressão externa da globalização, que continuam sendo obstáculos para a integração da contabilidade na Comunidade Caribenha.

O estudo de Bakre (2014) é outro exemplo de desenvolvimento na própria área contábil, avaliando as influências colonialistas na Contabilidade que podem ser inspiração

para o desenvolvimento de trabalhos similares no Brasil, buscando averiguar a influência que outros países têm sobre o conhecimento e práticas contábeis.

Ainda em Contabilidade, tem-se o trabalho "*Accounting for the Banal: Financial Techniques as Softwares of Colonialism*" onde Neu (2003) sugere que as técnicas contábeis têm fornecido poderes imperialistas por consistirem em um método de tradução com essa finalidade, podendo essas técnicas serem vistas como parte de um processo contínuo de colonialismo/imperialismo. Neu (2003) oferece como exemplo três estudos de caso: (a) Canadá, (b) Chiapas, México, e (c) Ghana na África. Esses casos ilustram não apenas as diferentes maneiras em que contabilidade reproduz o colonialismo, mas também como esse colonialismo se deu ao longo do tempo. Ao tratar da conceituação tradicional da contabilidade, o autor destaca a identificação, a mensuração e a divulgação de informações econômicas e financeiras para as partes interessadas, mas, ao mesmo tempo questiona: quem são essas partes interessadas? Ressaltando que elas se limitam a credores e investidores. Assim, sugerindo que o âmbito da contabilidade seria muito mais amplo do que os entendimentos convencionais, nos quais as técnicas contábeis servem para estruturar e reproduzir relações sociais. O autor sustenta que, em nível mundial, as relações que são estruturadas e reproduzidas tendem ao neocolonialismo, defendendo que a contabilidade refere-se à mediação de relações entre indivíduos, grupos e instituições por meio de cálculos e técnicas monetárias, que devem surgir a partir dessas interações sociais.

Em "*Ridin' Down The Highway-Trajectories Of Female Full Professors In Accounting Academy In Brazil*", Casa Nova (2015) busca averiguar progresso na carreira de professoras de Contabilidade que atingiram o nível de professor titular em suas respectivas instituições e que foram estudantes na pós-graduação da Universidade de São Paulo - USP. Casa Nova (2015) desenvolve o estudo por meio de uma abordagem qualitativa com entrevistas em profundidade, com o objetivo de coletar testemunhos destas mulheres sobre suas trajetórias pessoais e profissionais, assim, como o destaque de fatores que favoreceram ou prejudicaram esse processo. Casa Nova (2015) visa demonstrar que as trajetórias dessas professoras, contadas por elas mesmas, pode ajudar a entender como elas conseguiram ter sucesso em alcançar o topo da carreira acadêmica, ajudando, assim, a refletir sobre o preço que pagaram, as barreiras que enfrentaram, possibilitando, o desenvolvimento de ações e políticas para atração e retenção dessas, inclusive das barreiras à construção de um conhecimento outro a partir da perspectiva desses sujeitos localmente subalternizados.



Os estudos acima são alguns exemplos de como o Decolonialismo pode ser aplicado no desenvolvimento de estudos em Contabilidade. Entretanto, o pesquisador pode vislumbrar outras formas de aplicação, entre elas, por exemplo, pode se considerar as diferentes imagens da Contabilidade elencadas no Quadro 4, conforme proposta apresentada por Riahi-Belkaoui (2004):

#### Quadro 4 : Imagens da contabilidade

Imagem	Identificação
Ideológica	A Contabilidade percebida como um fenômeno ideológico por sustentar e legitimar um arranjo social, econômico e político.
Linguagem	A Contabilidade percebida como a linguagem dos negócios
Registro Histórico	A Contabilidade entendida como um meio para fornecer a história de uma organização e das transações com seu ambiente
Realidade Econômica Atual	A Contabilidade entendida como um meio de refletir a realidade econômica atual.
Sistema de Informação	A Contabilidade vista como um sistema de informação.
Commodity	relacionada a políticas públicas e contratos entre a entidade e o seu ambiente.
Mitologia	Tem-se o mito que a contabilidade é um caminho fácil para se entender o mundo econômico e explicar fenômenos complexos.
Racionalidade	A Contabilidade é vista de forma racional podendo ser usada para atribuir significado à evento justificando ocorrências futuras.
Criadora de Imagem	A Contabilidade vista como uma criadora de imagem da entidade selecionando eventos a serem destacados ou não.
Experimentação	A Contabilidade pode ser vista como experimentação por ser flexível o bastante para acomodar várias situações e adotar novas soluções para novos problemas e se adaptar ao mais complexo dos casos.
Distorção	A distorção se dá porque a Contabilidade pode ser usada para influenciar a decisão tanto do usuário interno quanto do externo.

Fonte: Elaborado a partir de Riahi-Belkaoui (2004).

As imagens e várias representações da contabilidade podem subsidiar a identificação de objetos de estudo alternativo que utilizem as lentes decolonialistas para interpretar os aspectos ligados à dominação e familiarização. O decolonialismo tem sua própria visão de mundo, pressupostos e técnicas como destacado por Prasad (2005). Considerando seus pressupostos, um pesquisador contábil deve definir seu objeto de pesquisa dentro dessa tradição, para conduzir sua pesquisa com criatividade, de modo a realizar o *crafting* sugerido pelo autor, considerando os pressupostos sobre os quais desenvolve seu trabalho. Por isso, a "elaboração" exige que a pesquisa desenvolva uma mentalidade analítica em seus dados que acompanham a experiência e engloba imersão e imaginação sociológica (Mills, 1959).

#### 4. Reflexões finais: uma proposta de agenda

O objetivo desse artigo é propor uma agenda de pesquisa em contabilidade no Brasil. A base da proposta está fundamentada nas contribuições de perspectivas pós-coloniais e



decoloniais como alternativas de pesquisas. Para tal, inicialmente apresentamos as bases teóricas e premissas da Teoria Crítica Pós-Colonialista e depois o/a Movimento/Epistemologia Decolonial. Estas duas correntes se apresentam como forma de resposta ao colonialismo. O estudo mostrou que o colonialismo pode ser compreendido como algo relacionado à imposição das práticas do colonizador sobre o colonizado. O colonialismo se impõe apagando história, valores, crenças e formas de aquisição e desenvolvimento de conhecimento, e está relacionado à ideia de modernidade (Anibal Quijano) que muitas tem como responsáveis pessoas bem-intencionadas, tais como trabalhadores, missionários, e os que confiam na ciência (Ashis Nandy).

A Teoria Pós-Colonial engloba um conjunto de posições teóricas que reúnem conceitos e perspectivas epistemológicas decorrentes da economia política, antropologia, geografia, estudos afro-americanos, estudos culturais, feminismo, urbanismo, sociologia, subalternidade, hibridismo, mimetismo, ambivalência, desfamiliarização, dentre outras.

Sob a teoria pós-colonial, um pesquisador em contabilidade poderia ampliar seu entendimento em torno de questões organizacionais ao utilizar-se da noção de “*Defamiliarization*” apresentada por Prasad (2003) para compreender como a vida organizacional se revela quando avaliada sob a perspectiva teórica do pós-colonialismo crítico.

Sob a Epistemologia Decolonial, o pesquisador em contabilidade poderia se utilizar de uma das duas vertentes estabelecidas por Anibal Quijano para conduzir: (i) uma pesquisa Analítica para reconstruir aquilo que foi silenciado e reprimido, considerando o ponto de vista do colonizado; (ii) uma pesquisa Pragmática para manifestar a desvinculação do colonizador.

Estudos sob as perspectivas pós-coloniais e decoloniais são interdisciplinares, requerem que os pesquisadores considerem os processos coloniais do passado para compreender a história e seu impacto nas circunstâncias presentes, e permitem que eles tenham flexibilidade metodológica e incorporem variados métodos de pesquisa (entrevistas, observações, análise de documentos, sons e imagens, etc).

A contribuição de pensadores e pesquisadores no Brasil, por exemplo, Milton Santos, Boaventura de Souza Santos, Celso Furtado, Almeida (2011), Faria e Wanderley (2013), CasaNova (2015), é um convite para os vermos, sob as lentes da decolonização, os impactos da colonização nas organizações, nas profissões e nos contextos que envolvem a contabilidade. Milton Santos, Boaventura de Souza e Celso Furtado, nos convidam a pensar,

respectivamente, **a respeito da** importação de conceitos produzidos em outros países e a aplicação integral e descontextualizada à nossa realidade, **a respeito da** destruição das formas de saber locais e a inferiorização e desperdício da diversidade cultural, e **a respeito das** estruturas e mecanismos de colonização que mantêm o país subdesenvolvido.

Investigações fundamentadas na decolonização buscam respostas diferentes para perguntas já conhecidas. Nesse sentido, que conclusões poderíamos chegar, no Brasil, sobre os efeitos reais na vida organizacional se explorássemos mais profundamente, por exemplo, homogeneidade resultante da preponderância de uma classe dominante sobre outra (Prasad, 2003), dominação ideológica (Ashis Nandy), hibridismo, mimetismo e ambivalência (Homi Bhabha), feminismo e a manifestação do subalterno (Gayatri Spivak), universidade como (re)produtora de conhecimento colonizador (Almeida, 2011), empresas familiares marginalizadas frente às corporações internacionais (Faria e Wanderley, 2013), trajetória docente subalternizada (CasaNova, 2015)?.

No artigo, apresentamos as contribuições de estudos que nos levam a vislumbrar possibilidades para pesquisa em torno de diversos temas, como por exemplo, corrupção, geopolítica do conhecimento, normas padronizadas de contabilidade, marginalização e subalternidade de profissionais ligados à contabilidade, contabilidade como técnica colonialista, influência de outros países sobre a contabilidade nacional, imagens e representações da contabilidade nas organizações. Nosso argumento de que há espaço no Brasil para pesquisas sob a tradição do decolonialismo repousa na escassez de discussões dessa natureza nos periódicos nacionais de contabilidade e na necessidade de maior abertura para abordagens alternativas na área contábil, conforme enfatizam por Baker e Bettner (1997), Baxter e Chua (2003), Lourenço e Sauerbronn (2016, 2017).

Por fim, argumentamos que a contabilidade tem a característica de envolver as relações entre administradores de entidades, usuários de informações e os profissionais de contabilidade exibindo resultados que escondem diferenças culturais, estruturas de poder e influências no processo de gerenciamento. Considerando uma ordem neocolonial globalizada, as imagens de Contabilidade relatadas na literatura reconhecem a existência potencial de objetos de pesquisa diversos, para os quais a aplicação do decolonialismo, por meio das lentes da desfamiliarização ou da desvinculação, podem levar a descobertas valiosas, incluindo a observação desses objetos ao longo do tempo. Uma ampla agenda de pesquisa poderia incluir, entre outros temas, algumas das onze linhas indicadas a seguir:

- i. revelar o caráter ideológico do fenômeno contábil que sustenta e legitima um arranjo social, econômico e político "estrangeiro" no contexto da globalização;
- ii. compreender como a contabilidade, enquanto linguagem de negócios, perpetua formas neocoloniais que visam o favorecimento de determinados grupos (usuários externos) em detrimento de outros no contexto do capitalismo financeiro;
- iii. identificar novas percepções (*insights*) sobre formas de poder, controle e resistência de lógicas não-dominantes por meio dos registros históricos de transações de uma organização;
- iv. questionar o colonialismo presente em formas dominantes e impostas de sistemas de registro de informação ou sistemas de controle tidos como superiores por advirem de contextos desenvolvidos e civilizados;
- v. desvelar a contabilidade enquanto *commodity* que homogeneiza as políticas e os contratos na relação entidade-ambiente, desconsiderando necessidades e saberes distintos e contextualmente dados;
- vi. averiguar a visão racional de uma ciência positiva que poderia ser usada para atribuir significado à evento justificando ocorrências futuras, mostrando seu lado oculto e intencional associado à retórica da modernidade;
- vii. destacar como a contabilidade, inclusive social e ambiental, pode ser utilizada para influenciar a decisão de usuários externos e internos por meio de controle de subjetividade e do conhecimento;
- viii. recuperar saberes outros formulados localmente por pensadores brasileiros a cerca dos fenômenos contábeis e gerenciais associados à outras formas de desenvolvimento, de planejamento, de orçamentação e de regulação (não-mercadoológicas).
- ix. esclarecer como os conceitos de hibridismo, mimetismo e ambivalência podem servir de esteio para o desenvolvimento de estudos como a avaliação do comportamento contábil de pequenas empresas frente às grandes corporações.
- x. desenvolver novas formas de ensino e formação profissional centrados na subalternidade (que combatam por exemplo o machismo e o racismo) para a desconstrução das lógicas de ação nas organizações locais.
- xi. possibilitar a emancipação da academia local, de forma a escapar do '*epistemicídio*' propiciado pela atual geopolítica do conhecimento que subjuga os

temas locais às agendas forjadas por organismos internacionais tidos como "superiores" ou "neutros".

Certamente, uma agenda de pesquisa em Contabilidade no Brasil, relacionada às potenciais contribuições de perspectivas pós-coloniais e decoloniais, somente serão viáveis pelo esforço e pela imaginação sociológica dos pesquisadores em observar algo conhecido como um objeto estranho (desfamiliarização) ou por desvincularem-se de teorizações e modelos tidos como superiores e dominantes, advindos do Norte, em busca de conhecimentos que sejam produzidos a partir do Sul. Destarte, considera-se que a utilização de abordagens pós coloniais e decoloniais para estudar a contabilidade pode desmistificar conceitos e práticas solidificados por pressupostos imperialistas encobertos e promover a produção de conhecimento local não domesticado. Espera-se que o presente artigo inspire a construção de estudos que reconheçam a realidade local e suas especificidades visando proposições atuais e transformadoras a cerca de questões locais e superando tradições colonizadas de pesquisa.

## 5. Referências

ADDE, T. V. et al. A Comissão das Partidas Dobradas de 1914 e a Contabilidade Pública Brasileira. *Revista Contabilidade & Finanças*, v. 25, n. spe, p. 321-333, 2014.

AHRENS, T. Overcoming the subjective–objective divide in interpretive management accounting research. *Accounting, Organizations and Society*, v. 33, p. 292–297, 2008.

ALMEIDA, J.. *Geopolíticas e descolonização do conhecimento*. In: Anais Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES. Vitória, 2011.

ASHCROFT, B.; GRIFFITHS, G.; TIFFIN, H.. *Post-colonial studies: the key concepts*. New York: Taylor & Francis e-library, 2005.

BAKER, C. R.; BETTNER, M. Interpretative and critical research in accounting: a commentary on its absence from mainstream accounting research. *Critical Perspective on Accounting*, v.8, p. 293-310,1997.

BAKRE, O. M. Imperialism and The Integration of Accountancy in the Commonwealth Caribbean. *Critical Perspectives on Accounting*, v. 25, n. 7, p. 558-575, 2014.

BALLESTRIN, L. América Latina e o Giro Decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v. 11, p. 89-117, 2013.

BAXTER, J.; CHUA, W. F. Alternative management accounting research—whence and whither. *Accounting, Organizations and Society*, v. 28, n. 2, p. 97-126, 2003.

BURRELL, G.; MORGAN, G. *Sociological Paradigms and Organisational Analysis*. London: Heinemann, 1979.

CASA NOVA, S. P. C. *Ridin' Down The Highway-Trajectories Of Female Full Professors In Accounting Academy In Brazil*. In: American Accounting Association Annual Meeting, 2015, Chicago. In: Anais do American Accounting Association Annual Meeting. Chicago : American Accounting Association, 2015.

COLAÇO, T. L.. *Novas perspectivas para a antropologia jurídica na América Latina: o direito e o pensamento decolonial* / Thais Luzia Colaço, Eloise da Silveira Petter Damázio. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2012.

COOKE, B. O Gerenciamento do (Terceiro) Mundo. *RAE*, v.44, n.3, p.62-75, 2004.

DANTAS, A. Geografia e Epistemologia do Sul na Obra de Milton Santos. *Mercator*, v. 13, n. p. 49-61, 2014.

DEETZ, S.. Crossroads—Describing Differences in Approaches to Organization Science: Rethinking Burrell and Morgan and Their Legacy. *Organization Science*, v. 7, n.2, p.191-207, 1996.

DUIQUE, E.. *Colonialismo e Neocolonialismo*. Vídeo (3min02s). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zSCYYD\\_kqDE](https://www.youtube.com/watch?v=zSCYYD_kqDE). Acesso em: 26 jan. 2016.

FARIA, A.; WANDERLEY, S. *Fundamentalismo da gestão encontra a descolonialidade: repensando estrategicamente organizações familiares*. *Cad. EBAPE.BR*, v. 11, n. 4, p.569–587, 2013.

FARIA, A. Réplica 2 - Promovendo (De)crescimento em/dos Estudos Organizacionais e de Gestão. *RAC*, v. 19, n. 1, p. 149-159, 2015.

HASSARD, J.; COX, J. W.. Can sociological paradigms still inform organizational analysis? A paradigm model for post-paradigm times. *Organization Studies*, v. 34, n. 11, p. 1701-1728, 2013.

HOBBSAWM, E.. *Era dos Extremos: o breve século xx: 1914-1991*. São Paulo: Campanhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, E. *Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HOMERO Jr., P. F. O Complexo de Vira-Lata no Discurso Acadêmico Brasileiro sobre as IFRS. *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, v. 12, n. 2, P. 6-20, 2017.

HOPPER, T.; POWELL, A. Making sense of research into the organizational and social aspects of management accounting: A review of its underlying assumptions. *Journal of management Studies*, v. 22, n. 5, p. 429-465, 1985.

JACKSON, N.; CARTER, P. In Defense of Paradigm Incommensurability. *Organization Studies*, London, v.12, n.1, p.109-127, 1991.

JUNCKLAUS, L. R.; BINI, T. J.; MORETTO NETO, L. Independência ou Norte: reflexões sobre a influência do estrangeirismo no campo do conhecimento da administração no Brasil. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 14, n. 1, p. 47–60, 2016.

KAMLA, R.. Critically appreciating social accounting and reporting in the Arab Middleeast: a postcolonial perspective. *Advances in International Accounting*. v.20, p. 105-177, 2007.

LINHARES, M. Y. L. *Descolôniação e lutas de libertação nacional*. In: REIS FILHO, Daniel A.; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Org.). O século XX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

LOURENÇO, R. L.; SAUERBRONN, F. F. Revistando possibilidades epistemológicas em contabilidade gerencial: em busca de contribuições de abordagens interpretativas e críticas no Brasil. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, v. 13, n. 28, p. 101-124, 2016.

LOURENÇO, R. L.; SAUERBRONN, F. F. Uso da Teoria de Agência em Pesquisas de Contabilidade Gerencial: Premissas, limitações e formulações alternativas aos seus pressupostos. *Advances in Scientific and Applied Accounting*, v. 10, n. 2, p. 153-171, 2017.

MANASSIAN, A. Globalization and International Accounting research: an agenda for the future. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, v.9, n.25, p. 1-12, 2007.

MAYHEW, S. *A Dictionary of Geography*. Oxford. Disponível em: <https://books.google.com.br/> Acessado em: 30 abr.2016.

MCLEOD, J. *Beginning postcolonialism*. Manchester University Press, 2000.

MIGNOLO, W. D. Delinking – the rhetoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality. *Cultural Studies*, v.21, n. 2-3, p. 4498-514, 2007.

MIGNOLO, W. D. Further Thoughts on (De)Coloniality. In: BROECK, Sabine; JUNKER, Carsten. *Postcoloniality - Decoloniality - Black Critique: joints and fissures*. Frankfurt: Campus Verlag GmbH, 2014.

MORAES, C. *Neocolonialismo e descolonização - história* (aula 12). Vídeo (13min37s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w4IYIqH59Dg>. Acesso em: 26 jan. 2016.

NAYAR, P. K. *The postcolonial studies dictionary*. Oxford, UK: John Wiley & Sons, Ltd, 2015.

NEU, D. Accounting for the Banal: Financial Techniques as Softwares of Colonialism. In: PRASAD, A. *Postcolonial theory and organizational analysis: a critical engagement*. New York: Palgrave Macmillan, 2003

PEREIRA, M. A.; Carvalho, E. Boaventura de Sousa Santos: por uma nova gramática do político e do social. *Lua Nova*, v. 73, p. 45-58, 2008.

PRASAD, A. The gaze of the other: postcolonial theory and organizational analysis. In: PRASAD, A. *Postcolonial theory and organizational analysis: a critical engagement*. New York: Palgrave Macmillan, 2003.

PRASAD, P. Postcolonialism: Unpacking and Resisting Imperialism. In: Prasad, P. *Crafting Qualitative Research: Working in the postpositivist traditions*. New York: M.E. Sharpe, 2005, p. 262-281.



- QUIJANO, A. “Colonialidad y modernidad/racionalidad”. *Perú Indígena*, v. 13, n. 29, 1992.
- QUIJANO, A. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*. Argentina, p. 201-246, 2000.
- REED, M. *Redirections in Organizational Analysis*. London: Tavistock, 1985.
- RIAHI-BELKAOUI, A. *Accounting Theory*. Thomson Learning, 2004.
- RODRIGUES, S. B.; CARRIERI, A. D. P. A tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais brasileiros. *Revista de Administração Contemporânea*, v. 5, n. spe, p. 81–102, 2001.
- ROSA, A. R.; ALCADIPANI, R. A Terceira Margem do Rio dos Estudos Críticos sobre Administração e Organizações no Brasil: (Re)Pensando a Crítica a Partir do Pós-Colonialismo. *RAM*, v.14, n.6, p. 185–215, 2013.
- RYAN, B.; SCAPENS, R. W.; THEOBALD, M. *Research Method and Methodology in Finance and Accounting*. London: Wouth Wester: Cengage Learning, 2002.
- SAID, E. *Orientalism*. New York: Vintage Books, 1978.
- SEGOVIA, F. F. Mapping the postcolonial optic in biblical criticism: meaning and scope. In: SEGOVIA, F. F.; MOORE, S. D. *Postcolonial Biblical Criticism: interdisciplinary intersections*. London: T&T Clark International, 2005.
- SUNDBERG, J. Eurocentrism In: *International Encyclopedia of Human Geography*, edited by Rob Kitchin and Nigel Thrift, Elsevier, Oxford, 2009, p. 638-643, <http://dx.doi.org/10.1016/B978-008044910-4.00093-6>.
- SMITH, M. *Research methods in accounting*. London: Sage Publications, 2014.
- VASCONCELOS, A. L. F. S et al. Uma Abordagem Histórica Acerca dos Avanços Contábeis Decorrentes das Reformas Implementadas pelo Marquês de Pombal na Administração Fazendária do Brasil-Colônia de 1777 a 1808. *Contextus*, v. 6, n. 2, p. 7-14, 2009.
- WALKER, M.. *Accounting for Varieties of capitalism: The case against a single set of global accounting standards*. *The British Accounting Review*, v. 42, n.3, 137-152, 2010.
- WANDERLEY, S. Organization studies, (de)coloniality, and dependency studies: the contributions of CEPAL. *Cad. EBAPE.BR*, v. 13, n. 2, p.237–255, 2015.
- WANDERLEY, S.; FARIA, A. The Chandler–Furtado case: A de-colonial re-framing of a North/South (dis)encounter. *Management & Organizational History*, v. 7, n. 3, p. 219-236, 2012.
- WATTS, M. Neocolonialism. In: *International Encyclopedia of Human Geography*, edited by Rob Kitchin and Nigel Thrift, Elsevier, Oxford, 2009, p. 360-364, <http://dx.doi.org/10.1016/B978-008044910-4.00109-7>.
- YOUNG, R. C. *Postcolonialism: A historical introduction*. London: Blackwell, 2001.